

Representações sociais de professores da educação profissional sobre a identidade docente

Andréa Ferreira Garcia Pereira¹

Resumo: Este artigo trata das Representações Sociais sobre a identidade profissional de Professores de uma modalidade diferenciada de formação: a Educação Profissional. O objetivo central é compreender as representações sociais desses professores sobre a constituição da identidade profissional docente. O artigo se justifica porque a partir da compreensão das representações dos professores sobre essa identidade profissional, pode-se repensar um sentido e uma imagem profissional, que reflita uma identidade pensada e desejada por esses e por outros professores. Isso pode contribuir, inclusive, para uma reflexão a respeito dos modos de “ser e estar” na profissão docente. O estudo se fundamenta em Moscovici (1978, 2003) e sua teoria das representações sociais (TRS) e, em aportes periféricos, como Vala (2010). Quanto à constituição da identidade profissional (relacional), são utilizadas as concepções de Dubar (2005) e autores, como: Nóvoa (2000), Contreras (2002), Abdalla (2006, 2008), entre outros. *Ancoramos* a análise em duas dimensões: a *identitária* e a *contextual/profissional*. A dimensão identitária compreende como categoria: *escolhas e expectativas profissionais*. A dimensão contextual/profissional compreende a categoria *políticas internas e externas, influência das políticas*. Essa organização possibilitou identificar cinco elementos que apontam para um jogo de influências exercidas de um lado, pela instituição; e, de outro, *entre* professores. O que culmina em uma imagem profissional. Há um conflito entre expectativas profissionais e demandas institucionais, gerando um *desconforto profissional*, um discurso ambivalente e uma fragmentação do Grupo. Assim, os elementos identificados dão sentido e levam à compreensão dessas representações sociais dos professores sobre sua constituição identitária. Daí, implicações, para a Escola de Educação Profissional e para seu grupo de professores, que remetem à concepção de uma identidade profissional docente, ainda, indeterminada.

Palavras Chave: Identidade Profissional. Representações sociais/profissionais. Educação Profissional, Constituição Identitária.

Social representations of vocational education teachers about the educator's identity

Abstract: This article addresses the Social Representations about the professional identity of Teachers working in a different line of education: Vocational Education. The main goal is to understand the social representations of these teachers with regard to the constitution of the educators' professional identity. The study is justified because based on the understanding of teachers' representations about this professional identity, one can rethink a meaning and a professional image that reflects an identity that has been thought out by these and other teachers. This may even contribute to a reflection about the ways of "being" in the teaching profession. The article is based both on Moscovici (1978, 2003) and his social representations theory (SRT) as well as on peripheral inputs, such as Vala (2010). Insofar as the constitution of the professional (relational) identity is concerned, the conceptions of Dubar (2005) and of authors such as Nóvoa (2000), Contreras (2002), Abdalla (2006, 2008) among others, are used. The article is *anchored* on two dimensions: *identity and contextual/professional*. The identity dimension comprises as a category: *professional choices and expectations*. The contextual/professional dimension comprises the *internal and external policies and influence of the policies*. This arrangement enabled the identification of *five* elements that indicate a set of influences exerted, on one hand by the institution; and, on the other, among the teachers. This culminates in a professional image. There is conflict between professional expectations and institutional demands, generating a *professional discomfort*, an ambivalent discourse, and a fragmentation of the Group. Thus, the elements that were identified give meaning and lead to the understanding of these social representations of the teachers about the constitution of their identity. Hence there are implications for the group of the teachers from the Vocational Education School, which refer to the conception of a professional educator identity that is still undetermined.

Keywords: Professional Identity. Social/Professional representations. Vocational Education, Identity Constitution.

Introdução

Este artigo surge de uma pesquisa em educação em torno da compreensão das representações sociais/profissionais de professores sobre a identidade docente em uma modalidade de ensino diferenciada: a Educação Profissional. A preocupação centra-se na influência que as políticas internas e externas da instituição exercem sobre a constituição da identidade docente. Nesse sentido, o referencial teórico está voltado à

¹ Mestre pela Universidade Católica de Santos – UNISANTOS, 2012, CAPES. Membro do grupo CNPq “Instituições de Ensino: políticas e práticas pedagógicas”. Professora da Educação Profissional do Centro Paula Souza – ETEC. Associada ANFOPE. andreaferg@uol.com.br.

constituição da identidade profissional, tida como relacional e ao contexto de trabalho, de onde surgem as representações desses professores, além de considerações acerca de como lidam com essas influências e de implicações.

Trata-se de imagens que se constituem a partir de um discurso profissional sobre as questões que os afligem e, simultaneamente os constituem profissionalmente. Elas se assemelham a uma tela constituída de fragmentos que mostram uma imagem ambivalente e, ainda indeterminada para os próprios professores.

Da identidade para si às relações no trabalho

Pensamos que a identidade profissional docente se (re) constitui em duas dimensões: a Identitária e a Contextual, porque a identitária pertence ao sujeito e compreende as escolhas e expectativas dos professores no trabalho; a contextual, porque o sujeito integra um contexto de trabalho estruturado em políticas internas e externas que exerce certa influência sobre a constituição da identidade docente.

Partimos de um pensamento bastante antigo: “Conhece-te a ti mesmo”, na tentativa de um reencontro ou uma redefinição profissional para o grupo. Embora a identidade seja única, há caminhos possíveis relativos à ideia de grupo e das interações no mundo do trabalho.

As identidades são múltiplas e partem de uma constituição pessoal em direção a uma identidade profissional pensada e construída, como diria Nóvoa (2000, p. 17), de modo a se tornarem “inseparáveis”, e, ainda: “Será que a educação do professor não se deve fazer mais pelo conhecimento de si próprio do que pelo conhecimento da disciplina que ensina?” (LAPORIT apud NÓVOA, p. 17).

Pensar a identidade é pensar a incompletude que justifica a caminhada em busca de uma compreensão de como os professores se representam social e profissionalmente. Eles partem de escolhas relativas à área de conhecimento, ao campo de atuação e ao processo de aprimoramento que determinam parte da identidade profissional e social (DUBAR, 2005, p. 148), e apontam para o que se deseja para si. Nóvoa (2000, p.18) assinala que:

É claro que o indivíduo constrói a imagem que tem de si próprio a partir do mesmo material do qual as outras pessoas já construíram a sua identificação pessoal e social, mas ele tem uma considerável liberdade em relação àquilo que elabora. (NÓVOA, 2000, p.18)

As relações humanas são instáveis e a compreensão das representações sobre a identidade profissional docente, por vezes, causa estranheza, já que tratar de uma imagem de si e do outro indicia características pessoais, profissionais e sociais.

Da dimensão identitária – um mundo de pluralidades

É no mundo do trabalho que a identidade profissional se constitui, reconstitui-se ou se fragmenta. Para Nóvoa (2000), há duas definições de identidade que coincidem com as perspectivas de Dubar (2005). São elas: a identidade pessoal e a identidade profissional.

Segundo Lipianski (*apud* NÓVOA, 2000, p. 115), “a identidade pessoal é um sistema de múltiplas identidades e encontra sua riqueza na organização dinâmica dessa diversidade”. A identidade pessoal é a percepção subjetiva de si mesmo, como a consciência e a definição de si. A identidade imersa nesse processo e mediada *por* ele, modifica-se, modela-se para integrar um grupo profissional e, subjetivamente,

apropria-se da identidade social e isso é um processo indissociável. Moscovici (2003, p.90) orienta que as pessoas e os espaços são frutos desse imbricamento, pois:

Os fenômenos e pessoas com que lidamos no dia-a-dia não são, geralmente, um material bruto, mas são os produtos, ou corporificações de uma coletividade, de uma instituição, etc. Toda realidade é a realidade de alguém, ou é uma realidade para algo [...]. Não seria lógico pensarmos esses fenômenos de outro modo, tirando-os do contexto.

A identidade profissional está no trânsito entre o sujeito e os fenômenos, o pessoal e o social, ao qual se interpõe a identidade profissional docente. Para esta última se constituir, além da dimensão identitária, está em jogo a dimensão contextual, que não deixa de ser social. Essa identidade constitui-se por meio de uma interação complexa entre categorizações de certo e errado, pertence e não pertence, entre a definição de si e a profissional. E é, dessa forma, que acontece o imbricamento entre identidade pessoal/profissional e institucional, tida como “relacional”.

Nessas interações as atitudes² ou posicionamentos seguem direções, em muitas vezes, contrárias à ideia de profissionalidade reivindicada pelo senso comum de um grupo de professores na Educação Profissional. As ideias contraditórias apresentam-se, também, como uma forma de representação dessa identidade profissional do grupo.

Marcas da personalidade e da profissionalidade

Pensamos, como Nias (*apud* NÓVOA 2000, p. 15), quando afirma, que: “o professor é a pessoa; e uma parte importante da pessoa é o professor”. A atitude ou o posicionamento das pessoas imprimem marcas que levam a imagens de quem são profissionalmente e transformam o espaço de trabalho em um campo de representação de si, de um grupo e da instituição. Entendemos que as atitudes e as imagens geradas no espaço de trabalho, configuram-se em representações profissionais/sociais.

A marca profissional possibilita ao profissional reconhecer-se e ser reconhecido, conferindo a ele propriedade para se sentir autônomo, “dono de si e de seus pensamentos, palavras e atitudes”. Mesmo na condição de relatividade da autonomia, a formação contínua e a experiência favorecem a autonomia profissional. É como se disséssemos que essa condição confere poder ao discurso profissional, já que os saberes múltiplos ou plurais (Nóvoa, 2000) embasam esse discurso, como imagem perfeita ou idealizada pelo professor e desejada pelo espaço de trabalho. “Sou importante para este espaço de produção no mundo do trabalho”.

Trata-se de uma forma de ser e cada qual em sua instância de atuação e permissão e metas a serem atingidas profere o seu discurso profissional no espaço de trabalho. Entretanto, geralmente, o que os professores tem como referência profissional diverge das premissas institucionais. Assim, a *imagem* que os professores pensam que a instituição possui deles, distancia-se da imagem de profissionalidade concebida por eles.

Do imbricamento das identidades em uma dimensão contextual

Em uma dimensão contextual, instauram-se relações com a instituição de objetividade, de subjetividade dos profissionais, no que há de pessoal neles e de

² Atitude ou posicionamento – a ideia empregada advém da Teoria das Representações Sociais – TRS (MOSCOVICI, 1978).

intersubjetividade quanto ao à mescla dos dois pontos relacionais no trabalho. Essas relações se fazem por meio dos *imbricamentos* que a identidade profissional sofre durante a trajetória.

Trata-se de um mundo de relações, “em um mundo vivido”, como diria Dubar (2005), que interpela a identidade profissional, constitui-a, reconstitui ou a destitui de perspectivas e anseios de profissionalidade, relacionados a valores, conceitos, informações, atitudes e imagens que se formam no trabalho.

Dubar (2005, p. 136) aponta para o imbricamento entre identidade profissional e instituição:

A identidade nada mais é do que: o resultado a um só tempo estável e provisório, individual e coletivo, subjetivo e objetivo, biográfico e estrutural, dos diversos processos de socialização que, conjuntamente, constroem os indivíduos e definem as instituições.

Essa citação aponta para as condições de conformação da identidade docente na Educação Profissional, no que se refere à identidade para si semelhante à identidade do outro, isto é, “o mais íntimo é o mais social” no trabalho. Por isso, o sujeito atribui às relações exteriores a representação de si no outro, de forma que o outro esteja em nós e vice-versa.

As expectativas de profissionalidade esbarram no modelo institucional, pois os profissionais, mesmo quando não concordam, acatam ao modelo institucional dado. Isso, em virtude de fenômenos que se sobrepõem ao discurso profissional, que quase sempre, cede lugar a essa voz institucional. As vozes influenciam o grupo de professores, conformam e submetem-no ao “cumpra-se”, efetivamente, *descolado* do ser. Utilizam-se de pontuação, bônus e outros instrumentos de persuasão, capazes de diluir a ideia de profissionalidade no mundo do trabalho, levando-os a um modelo, um “expert técnico” (CONTRERAS, 2002).

Isso leva os profissionais a criarem “estratégias” para lidarem com a realidade e se manterem nos espaços de trabalho. Elas se configuram em parte da constituição profissional que conduz à preocupação acerca das razões dessa atitude.

Esse fenômeno gera certo conflito e desconforto aos profissionais, perante às condições de (des) profissionalidade e que, indubitavelmente, oferecem sobressaltos relativos às expectativas profissionais dos professores. Nessa ideia, o espaço de trabalho funciona como um moderador ou modelador de atitudes/posicionamentos que são também e, paralelamente, determinados pelas condições socioeconômicas. Dessa forma, valores são trocados por outros “valores”, e nesse intercâmbio, as atitudes ou comportamentos escapam ao domínio dos sujeitos, integram e caracterizam um grupo em uma realidade.

Dubar (2005, p.143), sob a ótica de Berge e Luckmann (1966), afirma que há dois processos de formação da identidade, o *biográfico* e o *relacional*, ou seja, a identidade para si e a para o outro. Esses processos de formação da identidade profissional servem como combinação de outras formas, por vezes, fragmentadas e tipificadas *para* e *no* trabalho.

De forma muito instável, na Educação Profissional, a identidade profissional se reconstrói nas interações e por meio desses fenômenos que ocorrem em um mundo, que é por excelência, um mundo de reconstituição profissional. Trata-se de um modelo que se interpõe ao discurso profissional e dá margem a uma identidade relacional.

Trata-se de um processo combinatório e variável no trabalho que transita entre o eu e o outro, biográfico e relacional de profissionais que, elaboram estratégias para

lidar com as influências exercidas pelas políticas internas e externas da instituição. Com isso, imagens também se reconstróem em movimentos de interação ou alienação, de luta ou de ruptura. Nóvoa (2000, p. 16) referencia essa identidade profissional como:

[...] um dado não adquirido, não é uma propriedade, não é um produto. A identidade é um lugar de lutas e conflitos, é um espaço de construção de maneiras de *ser e estar na profissão*. Por isso, é mais adequado falar em processo identitário, realçando a mescla dinâmica que caracteriza a maneira como cada um se sente e se diz *professor*. (grifos do autor).

Então, a identidade é um apresentar-se e representar-se, o que identificamos, como um espelho, às vezes, de cabeça para baixo, no qual os professores tentam se assemelhar um ao outro, profissionalizar-se, singularizar-se e evidenciam imagens de si *na* escola. Isto é, atitudes e posicionamentos profissionais impelem a pensar imagens que revelam o que os professores pensam e fazem supor que são profissionalmente.

Do conflito e do desconforto às representações

As representações devem ser vistas como uma maneira específica de compreender e comunicar o que já sabemos. Elas ocupam, com efeito, uma posição curiosa, em algum ponto entre conceitos, que têm como seu objetivo abstrair sentido do mundo e introduzir nele ordem e percepções, que reproduzam do mundo de uma forma significativa. Elas sempre possuem duas faces, que são interdependentes, como duas faces de uma folha de papel: a face icônica e a face simbólica. Nós sabemos que: representação = imagem/significação; em outras palavras, a representação iguala toda imagem a uma ideia e toda ideia a uma imagem. (1978, p. 46)

A perspectiva de identidade profissional em conflito na escola torna-se uma forma de “controle e acesso” das instituições sobre as identidades, pois enquanto os profissionais se preocupam com esse conflito identitário, a instituição intensifica as relações de influência sobre o grupo de professores.

Essa situação leva à ambivalência que resulta em uma fragmentação da identidade do grupo de profissionais e esta culmina na quebra do senso comum do grupo de professores relativo à profissionalidade. Ou seja, a fragmentação apaga a marca identitária, já ofuscada pela ambivalência discursiva e atitudinal e, com isso, não há diferenças, não há luta. Seria um espelho com muitos rostos e poucas identidades na tentativa de se caracterizar como grupo. Como “Narcisos”, afastam o que não é espelho, criam barreiras e rotulações para o diferente³.

Na perspectiva do inacabamento, Calvino (1989, p. 79) afirma que “[...] há que se fragmentar para estar inteiro”, o que nos leva a pensar a fragmentação como a inteireza do sujeito em um espaço de lutas e de rupturas pessoais e profissionais.

³ Goffman (1988, p. 116), em sua obra, trata de vários aspectos acerca da identidade, no que respeita às questões relativas ao Ego e outras diferenças, inclusive do sujeito marcado fisicamente. Nesta pesquisa, importa associar as diferenças posturais ligadas ao processo de linguagem na comunicação entre os professores e que revela um “eu”, em muitas vezes, distante do idealizado ou do espelho modelo praticado nas instituições. O autor faz referência, também, quanto à definição de identidade com base em estudos de Erikson, o que confere um diálogo entre as teorias aqui empregadas, no que se refere à “esteriotipação”.

Essas são imagens do conflito e do desconforto que circulam por entre os professores e que são continuamente “reconstituídas” e revelam as marcas da instituição e das relações vivenciadas na Educação Profissional.

Considerações finais

[...] afinal, agora que o conheço, acho que não somos tão diferentes. (VALA, 2010, p. 435)

As representações dos professores da Educação Profissional são mediadas pelas demandas institucionais, que modelam a identidade de um grupo e os tornam muito semelhantes, pois como afirma Vala (2010): “acho que não somos tão diferentes”. E acaba todo mundo num mesmo cenário, num mesmo palco”.

A instituição cambia funções na reconstituição da identidade profissional docente, ora funcionando como uma cerceadora e ora como norteadora do trabalho docente. Há uma distância entre a identidade “real” (DUBAR, 2005), hoje, em virtude de certa desorganização na comunicação, na hierarquização do Grupo e por conta de uma *ambivalência* subjacente ao discurso profissional/atitudinal. Dessa forma, valores e perspectivas profissionais perdem-se.

Estão em jogo, em um “mundo vivido” os valores individuais e profissionais manifestados em atitudes e posicionamentos ancorados em valores individuais e do grupo, objetivados em uma realidade. Esse processo dá margem a cinco elementos: 1º preocupação com a linha tênue entre onde começa e onde termina a instituição na (re) constituição desses profissionais, 2º elaboração de estratégias, caracterizadas como um “conformismo inconformado” (ABDALLA, 2008), 3º conciliação de interesses para se manterem nesse espaço, uma forma ambivalente de *luta* e de *resistência*, embora velada, pois ora atendem ora não atendem às exigências institucionais, 4º rupturas com alguns preceitos e expectativas individuais/profissionais, 5º desconforto e conflito relativos às condições da produção e à imagem profissional docente distante da pensada por eles para si, para a instituição e para a sociedade.

Essas questões os unem, separam-nos, fazem-nos criar um senso comum, ainda que precário, acerca da profissionalidade. Assim, a partir dos cinco elementos é possível apontar duas das representações dos professores da Educação Profissional sobre a identidade docente, que acabam por se tornar *implicações*:

1) *Ambivalência* no discurso profissional, pois ora acatam e ora refutam o discurso institucional; embora isso se configure em uma estratégia para lidar com a realidade que se expressa por atitudes e posicionamentos isolados, que não se constituem, ainda, em um consenso em torno da profissionalização;

2) *Fragmentação* do Grupo, tendo em vista que, por conta da ambivalência, o Grupo não consegue formar um consenso que os una no propósito da profissionalidade, o que não implica radicalismos (MOSCOVICI; DOISE, 1991). Essa fragmentação do grupo se reflete em uma atitude fragmentada de atitudes isoladas no mundo de trabalho.

Nessa perspectiva e sob o olhar das representações sociais, reflitamos sobre os aspectos identitários profissionais como um modo de pensar e de “re-criar a realidade”, conforme sinaliza Moscovici (2003, p.90):

A maioria dos problemas que enfrentamos, no curso de nossa caminhada social ou intelectual, não provém da dificuldade de representar coisas ou pessoas, mas do fato de que elas são

representações, isto é, substitutos para outras coisas e outras pessoas [...] devemos averiguar as origens do objeto e considerá-lo como uma obra de arte e não como uma matéria prima.

E é, dessa forma, que as representações sociais dos professores da Educação Profissional sobre a identidade docente se formam, como uma “obra de arte”, mas constituídas de uma imagem que parte de algo que as precede, como a história de vida, com suas vivências e expectativas: uma “obra de arte”, ainda e sempre, inacabada.

Nesta escrita, imprimem-se imagens dessas identidades profissionais que estão entre anseios de profissionalização, percalços, conflitos silenciosos, recuos e avanços, no espaço da escola pública de Educação Profissional e, possivelmente, em outros espaços e, por isso, uma identidade, ainda, indeterminada.

Referências bibliográficas

ABDALLA, Maria de Fátima Barbosa. *O senso prático de ser e estar na profissão docente*. São Paulo: Cortez, 2006. 120p.

CONTRERAS, José. *A autonomia dos professores*. Trad. Sandra Trabucco Valenzuela. São Paulo: Cortez Editora, 2002. 296p.

DUBAR, Claude. *A Socialização: construção das identidades sociais e profissionais*. Porto: Porto Editora, 2005, 343p.

MOSCOVICI, Serge. *A Representação Social da Psicanálise*. São Paulo: Zahar Editores. 1978. 291p.

VALA, Jorge. *Psicologia Social*. 8ªed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2010. 625p.

Recebido para publicação em 20-03-12; aceito em 20-04-12